

BORIS PASTERNAK

Doutor Jivago

Tradução do russo

Sonia Branco

Tradução dos poemas

Aurora Fornoni Bernardini



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1975 by Giangiacomo Feltrinelli Editore

Publicado originalmente como *Il Dottor Zivago* em novembro de 1957
por Giangiacomo Feltrinelli Editore, Milão, Itália
Proibida a venda em Portugal

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Доктор Живаго

Capa

Victor Burton

Imagem de capa

Red Cavalry, de Kazimir Severinovich, 1928-32, óleo sobre tela, 91 × 140 cm, State Russian Museum,
São Petersburgo, Rússia

Preparação

Paula Colonelli

Revisão

Huendel Viana

Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pasternak, Boris Leonidovich, 1890-1960.

Doutor Jivago / Boris Pasternak ; tradução do russo Sonia
Branco, tradução dos poemas Aurora Fomoni Bernardini. — 1ª
ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

Título original: Доктор Живаго.

ISBN: 978-85-359-3013-9

1. Romance russo I. Título.

17-08457

CDD-891.73

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura russa 891.73

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

PRIMEIRA PARTE
O EXPRESSO DAS CINCO HORAS

Caminhavam e entoavam “Memória eterna”; e quando concluíam, parecia-lhes que o canto prosseguia, ecoando na marcha dos seus pés, no passo dos cavalos, no sopro do vento.

Os transeuntes recuavam para dar passagem ao cortejo, contavam as coroas de flores e se benziavam. Os curiosos entravam na procissão e perguntavam: “Quem morreu?”. Respondiam: “Jivago”. “Ah, então é isso. Agora dá pra entender.” “Não, não é ele, é ela.” “Dá no mesmo. Deus a tenha. Enterro de rico.”

Os momentos seguintes passaram rápido, minutos contados, sem volta. “Do senhor é a terra e tudo o que ela contém, o universo e tudo o que nele vive.” O padre fez o sinal da cruz e jogou um punhado de terra sobre Maria Nikoláievna. Entoaram “Com o espírito dos justos”. Seguiu-se uma verdadeira azáfama. Fecharam o caixão, pregaram-no e o baixaram. Uma chuva de terra, atirada às pressas por quatro pás, tamborilou sobre a cova. Formou-se ali um montículo. E nele subiu um menino de dez anos.

Somente o embotamento e a insensibilidade que geralmente invadem

as pessoas ao fim de um grande enterro poderiam justificar a impressão de que o menino pretendesse dizer algumas palavras sobre o túmulo da mãe.

Ele levantou a cabeça e lançou do alto um olhar ausente para as vastidões desertas outonais e para as cúpulas do monastério. O rosto de nariz arrebitado se desfigurou. O pescoço se espichou. Se um lobinho fizesse esse mesmo movimento com a cabeça, estaria claro que ele começaria a uivar. O menino cobriu o rosto com as mãos e caiu em prantos. O vento que vinha em sua direção açoitava-lhe as mãos e o rosto com uma fria chuva torrencial. Um homem de preto com mangas pregueadas e justas avançou até o túmulo. Era o irmão da falecida e tio do menino que chorava, o ex-padre Nikolai Nikoláievitch Vedeniápin, que largou a batina por vontade própria. Aproximou-se do menino e o levou embora do cemitério.

2

Pernoitaram em uma das celas do monastério, onde o tio era um velho conhecido. Eram as vésperas da Festa do Manto da Virgem. No dia seguinte, o menino e o tio fariam uma longa viagem para o sul, para uma das cidadezinhas da região do Volga, onde o ex-padre Nikolai estava empregado numa casa editorial que publicava o jornal progressista da região. Os bilhetes de trem foram comprados, e a bagagem disposta na cela. Da estação, vizinha ao monastério, o vento trazia o som choroso dos apitos dos trens que manobravam ao longe.

À noitinha, a temperatura caiu. As duas janelas da cela, situadas no nível do solo, davam para um cantinho onde havia uma horta modesta cercada por arbustos de acácia amarela; viam-se também a estrada de terra principal com poças congeladas e aquela parte do cemitério onde havia pouco tinham enterrado Maria Nikoláievna. A horta estava vazia, exceto por alguns canteiros com repolhos azulados pelo frio. Quando o vento soprava, os arbustos desfolhados das acácias se debatiam furiosamente e se inclinavam sobre a estrada.

À noite, Iúri acordou com uma batida à janela. A cela escura estava iluminada por uma luz sobrenatural, branca e oscilante. De camisa, ele correu até a janela e colou o rosto à vidraça gelada.

Lá fora não havia nem estrada, nem cemitério, nem horta. Uma tempes-

tade se intensificava, e a neve enfumaçava o ar. Dava para imaginar que a tempestade havia notado Iúri e, consciente da sua magnitude, deliciava-se com a impressão que causava no menino. Assoviava, uivava, fazia de tudo para chamar-lhe a atenção. Novelos infinitos de algodão branco caíam do céu sobre a terra, envolvendo-a como uma mortalha. A tempestade era única no mundo, nada se comparava a ela.

O primeiro impulso de Iúri ao descer do peitoril da janela foi o de se vestir e correr para fora. Era necessário fazer algo. O que o assustava é que, se os repolhos do monastério estavam sendo soterrados pela neve a ponto de não serem mais vistos, o mesmo aconteceria a sua mãe que, coberta pela neve e sem forças para lutar contra isso, terminaria afundando ainda mais, ficando ainda mais distante dele, embaixo da terra.

Isso de novo terminou em lágrimas. O tio acordou, falou-lhe de Cristo e tentou acalmá-lo; depois, bocejou e aproximou-se da janela, pensativo. Começaram a se vestir. Amanhecia.

3

Enquanto a mãe estava viva, Iúri nunca soube que o pai os abandonara havia muito e que viajava por várias cidades da Sibéria e do exterior; que vivia na farrá e na libertinagem e que dissipara um patrimônio de milhões. Costumavam dizer a Iúri que o pai estava em Petersburgo, ou em alguma feira, quase sempre na feira de Irbitsk.

Mais tarde, sua mãe, de saúde frágil, foi atingida pela tuberculose. Ela então começou a viajar para fazer tratamento no sul da França e no norte da Itália, e Iúri por duas vezes a acompanhou. Assim, em meio a uma vida desorganizada e cheia de mistérios constantes, Iúri passou a infância, quase sempre nas mãos de estranhos que mudavam o tempo todo. Ele se acostumou às mudanças, e no meio dessa eterna confusão a ausência do pai não o surpreendia.

Ainda pequeno, Iúri viveu a época em que o sobrenome que carregava designava uma enorme quantidade de coisas. Havia a manufatura Jivago, o banco Jivago, as casas Jivago, o modo Jivago de dar nó e prender a gravata com alfinete e até mesmo um doce redondo semelhante ao baba ao rum que se chamava Jivago; e houve um tempo em Moscou em que bastava gritar ao

cocheiro “para Jivago!” como se fosse “para onde o diabo perdeu as botas”, e o trenó levava você aos confins do mundo. Um parque silencioso o aguardava. Os corvos se empoleiravam nos galhos envergados dos pinheiros e sacudiam o gelo. O estrondoso crocitar das aves ecoava como o estalido de galhos secos. Cachorros de raça corriam pelo caminho que vinha das novas construções além da clareira. Lá, as luzes se acendiam. A noite caía.

De repente, tudo isso desapareceu. Eles empobreceram.

4

No verão de 1903, em uma carroça puxada por dois cavalos, Iúri e o tio se dirigiam através dos campos para Duplianka, propriedade do fabricante de tecidos de seda e grande patrono das artes, Kologrívov. Pretendiam encontrar-se com Ivan Ivánovitch Voskobóinikov, pedagogo que se ocupava de propagar conhecimentos úteis.

Era o dia da Festa da Virgem de Kazan, e a colheita estava no auge. Seja porque fosse hora do almoço, seja em razão da festa, o fato é que não se via viva alma nos campos. O sol queimava as faixas de terra semiceifadas como nucas raspadas de detentos. Os pássaros voavam em círculo sobre os campos. Com as espigas inclinadas, as braçadas de trigo se erguiam como cordas esticadas na total falta de vento, ou se levantavam em cruzetas longe da estrada. A olho nu, tinha-se a impressão de figuras móveis, como se fossem agrimensores a se deslocar na linha do horizonte fazendo anotações.

— E estas? — perguntava Nikolai Nikoláievitch a Pável, trabalhador braçal e vigia da editora de livros, que conduzia a carroça de lado no banco do cocheiro, encurvado e com as pernas cruzadas, para mostrar que não era de fato um cocheiro, e que se a estava conduzindo era apenas para fazer um favor. — Estas são dos donos ou dos camponeses?

— *Echtas* são dos donos — Pável respondeu e se pôs a acender um cigarro. — Mas *echtás* daqui — continuou, após uma longa pausa para terminar de acender e dar uma baforada, indicando com a ponta do chicote o outro lado —, *echtás* são nossas. Que é, tão dormindo? — gritava vez por outra para os cavalos, vigiando sem cessar as suas ancas e rabos, como faz o maquinista com o manômetro.

Mas os cavalos conduziam como todos os cavalos do mundo, ou seja, o principal trotava em linha reta, como é característico de sua natureza simples, ao passo que o outro, aos olhos de um leigo, parecia um rematado vagabundo que só sabe dançar a *prisiádka*,* arqueando o pescoço feito um cisne ao som do próprio sininho.

Nikolai Nikoláievitch levava consigo as provas de um livrinho que Voskobóinikov havia escrito sobre a questão agrária, pois, diante da severidade crescente da censura, o editor pedira uma revisão.

— O povo anda criando tumulto na província — disse Nikolai Nikoláievitch. — Na região de Pankovo, esfaquearam um comerciante, e o chefe do *zemstvo*** teve o seu haras incendiado. O que você pensa disso? O que dizem na aldeia?

Ocorre que Pável via as coisas de forma ainda mais sombria do que certo censor que buscava refrear as paixões agrárias de Voskobóinikov.

— O que dizem? Soltaram muito o povo. Mimaram, é o que dizem. Nossa gente não pode ser tratada assim. Dê liberdade pros mujiques, e um esmaga o outro. Deus sabe. Que é, tão dormindo?

Era a segunda vez que tio e sobrinho vinham a Duplianka. Iúri acreditava lembrar o caminho e, toda vez que o campo se alargava e surgiam bordas fininhas de floresta ao redor, o menino pensava reconhecer o lugar, achava que dali o caminho contornaria à direita e que depois da curva surgiria num minuto o imenso panorama da propriedade de Kologrívov, com o rio que brilhava ao longe e a estrada de ferro que se estendia na outra margem. Mas sempre se enganava. Os campos se sucediam uns aos outros, e novamente os bosques os rodeavam. Essa sucessão de vastidões causava uma boa disposição. Dava vontade de sonhar e pensar no futuro.

Nenhum dos livros que depois tornariam Nikolai Nikoláievitch célebre haviam ainda sido escritos. Mas suas ideias já tinham tomado forma. E ele não sabia quão perto estava a sua hora.

Esse homem logo iria despontar em meio aos representantes da literatura de seu tempo, aos professores universitários e aos filósofos da revolução,

* Dança folclórica russa, na qual o dançarino fica de cócoras o tempo todo e estica as pernas alternadamente. [Esta e as demais notas são da tradutora.]

** Assembleia provincial, eleita pelas classes dominantes.

uma vez que refletia sobre os mesmos problemas que eles, embora, fora a terminologia, não tivessem nada em comum. Todos se prendiam a algum dogma e se contentavam com palavras e aparências, mas o ex-padre Nikolai tinha sido um sacerdote que passou ao tolstoísmo e às ideias revolucionárias, seguindo sempre mais adiante. Ele ansiava por um pensamento concreto e inspirado, cujo movimento traçaria um caminho nítido e sem volteios no sentido de tornar o mundo melhor, e que haveria de ser percebido mesmo por uma criança ou um ignorante, assim como o clarão repentino do relâmpago ou o ribombar do trovão. Ele ansiava pelo novo.

Iúri se sentia bem com o tio, que se parecia com sua mãe. Ele era uma pessoa livre, assim como ela, e não tinha nenhum preconceito contra circunstâncias diferentes das habituais. Como ela, possuía o sentido nobre da igualdade entre todos os seres vivos. E também como ela, tinha o dom de compreender tudo ao primeiro olhar e expressar imediatamente as suas ideias da forma como lhe vinham à cabeça, enquanto ainda estavam vivas e não tinham perdido o sentido.

Iúri estava contente por seu tio tê-lo levado a Duplianka. Era um lugar muito bonito, pitoresco e também lembrava a mãe, que amava a natureza e muitas vezes o levava consigo para passear. Além disso, teria prazer em rever Nika Dúdorov, um colegial que vivia na casa de Voskobóinikov e que provavelmente, por ser dois anos mais velho que Iúri, o desprezava, e ao cumprimentá-lo sacudia energicamente a mão para baixo e inclinava a cabeça de tal forma que os cabelos lhe caíam sobre a testa, encobrendo metade do rosto.

5

— O nervo vital da questão do pauperismo... — Nikolai Nikoláievitch lia no manuscrito corrigido.

— Acho melhor colocar “essência” — disse Ivan Ivánovitch, marcando essa correção nas provas.

Eles trabalhavam em meio à penumbra do terraço envidraçado. Distinguiam-se regadores e instrumentos de jardinagem largados em desordem. Havia uma capa de chuva atirada sobre o espaldar de uma cadeira quebrada. Em um canto, botas enlameadas com o cano virado para o chão.

— E, no entanto, a estatística de mortes e nascimentos demonstra... — ditava Nikolai Nikoláievitch.

— É necessário acrescentar “para o ano em exercício” — disse Ivan Ivánovitch, e anotou.

Uma leve corrente de ar atravessava o terraço. Tinham posto pedaços de granito sobre as folhas da brochura para impedir que elas voassem.

Quando terminaram, Nikolai Nikoláievitch apressou-se em voltar para casa.

— Está se formando uma tempestade. Preciso ir embora.

— Nem pense nisso. Eu não vou deixar. Agora vamos tomar chá.

— Preciso estar na cidade sem falta ao anoitecer.

— Não adianta. Não aceito desculpas.

No pequeno jardim em que o chá estava sendo servido, o odor do carvão usado para ferver o samovar abafava o cheiro de tabaco e o perfume dos girasóis. Da ala dos fundos da casa, traziam creme de leite azedo, frutas vermelhas e tortas. De repente, chegou a informação de que Pável tinha ido nadar no rio e que levara consigo os cavalos para banhá-los. Nikolai Nikoláievitch teve de se resignar.

— Vamos nos sentar no banquinho perto do barranco enquanto terminam de pôr a mesa — propôs Ivan Ivánovitch.

Ivan Ivánovitch, por ser amigo do rico Kologrívov, ocupava dois cômodos na casa do administrador. Essa casinha com jardim contíguo ficava na parte escura e abandonada do parque, próximo a uma antiga aleia semicircular, agora coberta de mato e usada apenas para transportar detritos de terra e materiais de construção até o barranco, onde eram descarregados. Homem de ideias avançadas e milionário que simpatizava com a revolução, Kologrívov nesse momento estava no exterior com a mulher. Na propriedade encontravam-se somente as suas filhas Nádia e Lipa, a governanta e um grupo pequeno de empregados.

Uma espessa cerca viva de viburno mantinha a casa com jardim do administrador separada do parque com seus lagos, clareiras e casa senhorial. Ivan Ivánovitch e Nikolai Nikoláievitch contornavam por fora essa moita e, à medida que avançavam, bandos idênticos de pardais pululavam em idênticos intervalos em meio ao viburno. Isso o enchia de um ruído uniforme como o da água correndo por um tubo.

Conversando, os dois homens passaram em frente à estufa, ao alojamento do jardineiro e às ruínas de pedras cuja origem era desconhecida. Eles falavam sobre as novas forças que surgiam nas ciências e na literatura.

— Tem surgido gente talentosa — disse Nikolai Nikoláievitch —, mas agora estão na moda os círculos e as associações de todo tipo. O espírito gregário é sempre o refúgio da ausência de dons. Se a fidelidade é a Solovióv, a Kant ou a Marx, pouco importa; para buscar a verdade é necessário estar só e romper com todos os que não a amam suficientemente. Há algo no mundo que mereça fidelidade? Muito pouca coisa. Eu acho necessário ser fiel à imortalidade, esse outro nome, mais forte, para vida. É preciso ser fiel à imortalidade, ser fiel a Cristo! Ah, o senhor franze o cenho, infeliz. O senhor de novo não entendeu nadinha.

— Humpf! — resmungou Ivan Ivánovitch, rapaz louro e magro como uma enguia, com uma barbicha cáustica que o assemelhava a um americano dos tempos de Lincoln (a todo instante ele a puxava com a mão e prendia sua ponta nos lábios). — Bem, eu me calo. O senhor sabe muito bem que eu vejo as coisas de outra maneira. Mas a propósito, conte como lhe tiraram a batina. Há muito tempo eu queria perguntar: o intimidaram? Foi excomungado? Hein?

— Para que desviar o assunto? Mas tudo bem. Excomungado? Não, hoje em dia não amaldiçoam mais. Eu tive aborrecimentos, há consequências. Por exemplo, fui afastado do serviço público por muito tempo e impedido de ir às capitais. Mas isso é bobagem. Voltemos ao assunto da nossa conversa. Eu disse que é preciso ser fiel a Cristo. Vou explicar. O que o senhor não compreende é que é possível ser ateu, ignorar a existência de Deus e para que ele serve e ao mesmo tempo saber que o homem vive não na natureza, mas na história; e que a história como é entendida hoje está baseada em Cristo e tem por fundamento o Evangelho. O que é a história? É a instituição de séculos de trabalhos destinados a elucidar o mistério da morte e a superá-la um dia. É para isso que descobrem o infinito matemático e as ondas eletromagnéticas, é para isso que compõem sinfonias. Avançar nessa direção não é possível sem algum entusiasmo. Essas descobertas exigem certo aparato espiritual. E os dados estão presentes nos Evangelhos. Veja quais são. Em primeiro lugar, o amor ao próximo, uma forma superior da energia vital que preenche o coração humano e exige vazão e prodigalidade; em seguida, vêm os principais

elementos constitutivos do homem moderno, sem os quais não se pode concebê-lo, ou seja, a ideia de liberdade individual e a ideia de vida como sacrifício. Perceba que tudo isso ainda hoje é de uma novidade extraordinária. Esse sentido de história não existia entre os antigos. O que eles conheciam era a ferocidade sórdida e sanguinária dos Calígulas varados por bexigas, que não suspeitavam do quão ignorante é todo escravizador. O que os antigos conheciam era a eternidade fanfarrona e cadavérica dos monumentos de bronze e das colunas de mármore. Foi necessário esperar Cristo para que os séculos e as gerações pudessem respirar livremente. Foi necessário que ele morresse para se começar a viver na posteridade, para que o homem, em lugar de morrer na rua, morresse em casa, na história, em pleno trabalho consagrado a vencer a morte, ele mesmo totalmente dedicado a esse trabalho. Ufa! Estou transpirando literalmente. E o senhor é um cabeça-dura!

— Metafísica, meu caro, os médicos me proibiram. Meu estômago não digere.

— Deus o proteja. Deixemos isso pra lá. O senhor é um felizardo! Essa vista é admirável! Decerto vive aqui e nem a percebe.

Observar o rio fazia doer os olhos. As águas ondulavam e refletiam a luz do sol como folhas de metal. De repente, a superfície se enrugou. Uma balsa navegava para a outra margem levando cavalos, carroças, mujiques e mulheres.

— Olhe, ainda são cinco horas — disse Ivan Ivánovitch. — Aquele é o expresso de Sízran. Ele passa por aqui alguns minutos depois das cinco.

Ao longe na planície, da direita para a esquerda cruzava um trem amarelo e azul, parecendo menor pela distância. De repente, perceberam que ele parou. Debaixo da locomotiva, tufos de vapor branco se elevaram. Um pouco depois, ouviram-se apitos de alarme.

— Estranho — disse Voskobóinikov. — Há algo errado. Não há razão para ele parar ali no pântano. Alguma coisa está acontecendo. Bem, vamos tomar o nosso chá.

6

Nika não estava nem no jardim, nem em casa. Iúri supôs que ele se escondia porque achava enfadonho ficar com as visitas e não considerava a sua

companhia interessante. O tio foi trabalhar no terraço com Ivan Ivánovitch, restando a Iúri vaguear à toa pela casa.

Era um lugar encantador! A todo momento se ouvia o nítido assovio em três tons dos papa-figos, com intervalos de espera, para que aquele som úmido como o de um pífaro impregnasse as redondezas. Estagnado no ar, o perfume das flores estava cravado nos canteiros pelo calor. Como isso lembrava Antibes e Bordighera! Iúri se virava sem cessar à direita e à esquerda. Alucinação sonora, o fantasma da voz de sua mãe estava suspenso sobre as clareiras. Iúri o escutava nas inflexões melódicas dos pássaros e no zumbido das abelhas. Estremecia, parecia ouvir aqui e ali a sua mãe o convocar e o chamar para ela.

Ele seguiu em direção ao barranco e começou a descer. Deixando para trás o pequeno bosque esparso e bem cuidado que cobria a parte alta, entrou pelos amieiros que atapetavam o fundo do barranco.

Aqui dominava uma penumbra úmida, o solo estava juncado de troncos caídos e carniças, as flores eram raras, e as hastes nodosas da cavalinha pareciam-se com os cetros e cajados egípcios da sua Bíblia ilustrada.

Iúri sentiu-se triste. Estava a ponto de chorar. Caiu de joelhos e seu rosto se cobriu de lágrimas.

— Anjo do Senhor, meu santo protetor, fortaleça minha alma no caminho verdadeiro e diga à mamãe que eu estou bem aqui, que ela não se preocupe. Se existe vida depois da morte, Senhor, leve mamãe para o paraíso onde os santos e os justos resplandecem. Mamãe era tão boa, não é possível que ela tivesse um pecadinho que fosse, tem piedade dela, Senhor, faça com que ela não sofra tormentos — rezava Iúri. — Mamãe! — clamou para o céu com uma tristeza dilacerante, como se chamasse uma nova santa; de súbito, não aguentou mais, caiu por terra e perdeu a consciência.

Não permaneceu assim por muito tempo. Quando voltou a si, escutou o tio chamá-lo do alto. Ele respondeu e se pôs a subir. De repente, lembrou-se de que não havia rezado por seu pai ausente, como Maria Nikoláievna o ensinara a fazer.

Mas se sentia tão bem depois do desmaio que tinha medo de deixar escapar essa sensação de leveza. E pensou que não aconteceria nada grave se deixasse isso para outra vez.

— Isso pode esperar. Paciência — foi como ele pensou. Iúri absolutamente não lembrava do pai.

Micha Gordon, um colegial do segundo ano, viajava com o pai, advogado de Orenburg, num compartimento de segunda classe. Era um menino de onze anos de rosto pensativo e grandes olhos negros. O pai havia sido transferido para Moscou, e o menino trocava de colégio. A mãe e a irmã já estavam no destino, ocupadas com a arrumação do apartamento.

Era o terceiro dia de viagem.

Diante deles, em meio a nuvens de poeira quente embranquecidas pelo sol, desfilava a Rússia, seus campos e estepes, cidades e aldeias. Comboios de carroças se arrastavam pela estrada e se desviavam do caminho pesadamente nas passagens de nível. Do trem, que corria loucamente, tinha-se a impressão de que as carroças não se moviam e de que os cavalos patinavam no mesmo lugar.

Nas estações principais, os passageiros saltavam e corriam como doidos para o bufê, e por trás das árvores da estação, o sol poente iluminava os seus pés e brilhava sob as rodas dos vagões.

Tomados isoladamente, todos os movimentos do mundo eram calculados e deliberados, mas vistos em conjunto, pareciam descontroladamente embriagados pelo fluxo comum da vida, que os unia. As pessoas trabalhavam e cuidavam dos seus interesses, levadas pelo mecanismo das preocupações particulares. Mas esses mecanismos não teriam funcionado se não houvesse como importante regulador o fundamental sentido da despreocupação. A despreocupação, por sua vez, era provocada pela percepção de que existe solidariedade entre os seres humanos, pela certeza dos laços entre os homens e pelo sentimento de felicidade que se experimenta ao pressentir que tudo o que acontece não termina na terra em que se enterram os mortos, mas bem além, naquilo que uns chamam de Reino de Deus, outros de história, e outros ainda do que quiserem.

A essa regra, o menino era uma amarga e dura exceção. Possuía por estímulo derradeiro justamente a preocupação, desconhecendo o alívio proporcionado pelo sentimento de segurança. Ele percebia em si esse traço hereditário e observava-lhe os sintomas com uma vigilância acurada. Era um traço que o contrariava e o humilhava.

Desde o momento em que percebeu isso, não deixou mais de se pergun-

tar, surpreso, como era possível que possuindo iguais pernas e braços, idioma e hábitos comuns a todos, ele pudesse ser diferente dos outros, desagradar a alguns e não ser amado por muitos. Ele não podia compreender o fato de que, se você é pior do que os outros, então não adianta se esforçar para corrigir-se e se tornar melhor. O que significa ser judeu? Por que isso existe? Como compensar ou justificar esse desafio desarmado que não traz nada além de tristezas?

Quando pedia respostas ao pai, este lhe dizia que suas premissas eram absurdas, que não era possível raciocinar dessa forma, mas em troca não propunha nada que tivesse profundidade suficiente para atrair Micha e que o impelisse a se inclinar diante do irrevogável.

E, com exceção do pai e da mãe, Micha foi desenvolvendo pouco a pouco certo desprezo pelos adultos, os quais cozinhavam problemas que não eram capazes de resolver. Ele tinha certeza de que, quando se tornasse adulto, resolveria tudo isso.

E agora, ninguém diria que o pai dele não estava certo em correr ao encaço desse doido que afinal se jogou do trem em campo aberto, e que Grigóri Óssipovitch não precisava ter parado o trem quando o doido o repeliu violentamente e abriu a porta do vagão em alta velocidade, atirando-se de cabeça sobre o aterro como um mergulhador na água.

Mas o fato de a manivela do freio ter sido puxada não por qualquer um, e sim por Grigóri Óssipovitch, fez correr o boato de que por sua culpa o trem permaneceria parado durante muito tempo.

Ninguém sabia ao certo o motivo da demora. Uns diziam que a freada brusca havia comprometido os freios pneumáticos; outros, que o trem havia parado em uma subida íngreme e que a locomotiva não tinha força para avançar. Corria ainda uma terceira opinião: a de que o suicida era uma pessoa importante, e o advogado que o acompanhava teria exigido que fossem chamadas de Kologrílovka, a estação mais próxima, pessoas capacitadas para fazer o boletim de ocorrência. Seria então por isso que o maquinista-auxiliar estaria trepado no poste telegráfico. O trole já deveria estar a caminho.

Aos poucos o vagão foi sendo invadido por um mau cheiro exalado dos toaletes que não chegava a ser inteiramente combatido pela água-de-colônia; havia também um odor de frango assado levemente azedo embrulhado em papel sujo e gorduroso. As damas encanecidas de Petersburgo, que uma mistura de fuligem de locomotiva e cosmético gorduroso transformara em verda-

deiras ciganas, continuavam a empoar-se, a limpar as palmas das mãos nos lenços e a conversar com voz grave e rouquenha. Quando passaram diante do compartimento de Gordon, agasalhando os ombros angulosos em seus casacos e fazendo do corredor apertado um novo local de exibição, pareceu a Micha que elas teriam murmurado, ou, a julgar pelos lábios apertados, que estavam prestes a murmurar: “Ah, veja só, quanta sensibilidade! Pensam que são especiais! Que são intelectuais! Tudo isso é demais para eles!”.

O corpo do suicida estava estirado na grama ao lado do aterro. Um filete negro de sangue coagulado atravessava a testa e os olhos do homem, marcando seu rosto como uma cruz. O sangue não parecia ser do morto, expelido do seu corpo, mas algo externo que lhe fora adicionado, um emplastro, um respingo de sujeira seca ou uma folha de bétula molhada.

O grupo de curiosos ou condolentes que se formava em torno do corpo frequentemente se renovava. Sombrio e sem expressão, mantinha-se junto ao defunto seu amigo e vizinho de compartimento, um advogado corpulento e arrogante, uma espécie de animal de raça em camisa molhada de suor. Ele arfava de calor e se abanava com o chapéu macio. Respondia a todas as perguntas secamente e de canto de boca, dando de ombros e sem se voltar: “Alcoólatra. Entendem? Efeito típico de delirium tremens”.

Uma mulher magra em vestido de lã e lenço de rendas se aproximou duas ou três vezes do corpo. Era a velha Tiviérszina, viúva e mãe de dois maquinistas, que viajava de graça com as noras, na terceira classe. Em silêncio e cobertas com lenços que as envolviam quase até os pés, as noras a seguiam como duas freiras à madre superiora. Era um grupo que impunha respeito. Afastavam-se para deixá-las passar.

O marido de Tiviérszina morrera queimado vivo em um acidente ferroviário. Ela parou a alguns passos do morto, de modo a vê-lo através da multidão, e suspirou como se fizesse uma comparação: “A cada um o seu destino”, parecia dizer. “Um morre pela vontade divina, mas esse... deu a louca. É o que vale ser rico, perde o juízo.”

Todos os passageiros do trem desciam para ver o corpo, mas retornavam logo por medo de terem as coisas roubadas no vagão.

Assim que desembarcavam, alongavam-se, colhiam flores e corriam um pouco, vinha-lhes a impressão de que aquela paisagem só surgira graças à parada, que a várzea pantanosa com seus montículos de terra, o vasto rio, a

bela casa e a igreja fincadas no alto da margem oposta não existiriam no mundo sem essa infelicidade.

Também o sol parecia pertencer à paisagem. Iluminava tímido e vespertino a cena, aproximando-se medrosamente dos trilhos, a exemplo da vaca de uma manada que passava na vizinhança, que se achegou para observar a multidão.

Micha estava abalado com o acontecido e nos primeiros momentos chorou de pena e de susto. Ao longo da viagem, o suicida havia entrado várias vezes no compartimento deles e conversado durante horas com seu pai. Ele dissera que sua alma se tranquilizava na pureza moral do silêncio e na capacidade deles de compreender o mundo; e se consultara com Grigóri Óssipovitch a respeito de vários pormenores jurídicos e cláusulas controversas relacionadas a letras de câmbio, doações, bancarrotas e fraudes.

— Ah, sim? — surpreendeu-se com as explicações de Gordon. — Você parece fazer uso de disposições legais mais clementes. Meu advogado tem outra visão. Ele é bem mais pessimista a respeito dessas coisas.

Toda vez que esse homem nervoso se acalmava, o seu jurista e vizinho de compartimento vinha da primeira classe buscá-lo e o levava ao vagão-restaurant para tomar champanhe. Era esse mesmo advogado corpulento e insolente, bem barbeado e janota que agora se mantinha perto do corpo sem demonstrar nenhuma surpresa. Impossível evitar a impressão de que a constante inquietação do seu cliente com relação a alguma coisa o favorecera.

O pai disse a Micha que se tratava de um homem rico e famoso, bondoso e baderneiro, um pouco irresponsável. Sem se constringer com a presença do menino, o homem havia falado de seu filho, que deveria ter a mesma idade de Micha, e de sua falecida mulher, passando em seguida a sua segunda família, que também abandonou. Nesse momento, algum novo pensamento fez com que o homem empalidescesse de horror, pronunciasse palavras aleatórias e perdesse o fio das ideias. Ele demonstrou por Micha um carinho inexplicável, provavelmente a transferência de um sentimento que não era destinado a ele. Volta e meia presenteava Micha com alguma coisa adquirida nas estações maiores, onde havia salas da primeira classe com quiosques de livros, jogos e curiosidades regionais.

O homem bebia sem parar e se queixava de que não dormia havia três meses, asseverando que quando estava sóbrio, o que acontecia por pouco tempo, sofria tormentos que uma pessoa normal não poderia imaginar.

Um minuto antes do fim, ele correu ao compartimento de Grigóri Óssipovitch, apertou sua mão, quis dizer algo, mas não pôde, e se precipitou para a porta do vagão, atirando-se do trem.

Micha examinava uma pequena coleção de pedras dos Urais em uma caixa de madeira, último presente do falecido. Súbito, tudo ao redor entrou em movimento. Pelo trilho paralelo, o trole se aproximou do trem. Desceram dele um inspetor de quepe, um médico e dois agentes de polícia. Ouviram-se vozes secas e oficiais. Fizeram perguntas e anotações. Subindo o aterro, tropeçando e escorregando na areia, os condutores e os policiais arrastaram desajeitadamente o corpo. Uma camponesa pôs-se a uivar. Pediram aos passageiros que subissem aos vagões. Soou o apito. O trem partiu.

8

“De novo essa chatice!”, pensou Nika com raiva, andando pelo quarto. As vozes dos visitantes se aproximavam. A fuga foi descartada. Havia duas camas no quarto de dormir, a de Voskobóinikov e a dele. Não pensou muito. Enfiou-se debaixo da segunda.

Ouviu como o procuravam e o chamavam, perplexos com seu sumiço. Em seguida entraram no quarto.

— Fazer o quê? — disse Vedeniápin. — Vá dar uma volta, Iúri, talvez você encontre o seu amigo e poderão brincar juntos.

E ficaram conversando cerca de vinte minutos sobre os movimentos universitários de Petersburgo e Moscou, impedindo que Nika deixasse aquele refúgio estúpido e humilhante. Por fim, dirigiram-se ao terraço. Nika abriu a janela devagarinho, pulou e saiu pelo parque.

Ele hoje não se sentia bem, não havia dormido à noite. Tinha catorze anos e estava cansado de ser criança. Passou a noite toda acordado e de madrugada decidira dar uma caminhada. O sol nascia, e a terra do parque estava molhada de orvalho, coberta pela sombra alongada das árvores. A sombra não era negra, mas cinza-escura como o feltro úmido. O aroma embriagador da manhã parecia exalar justamente dessa sombra estendida sobre a terra, entremeada por compridas faixas de luz como dedos de menina.

De repente, um filete de prata brilhante, parecendo gotas de orvalho

sobre a relva, escorreu a alguns passos dele. O filete escorria, escorria, e a terra não o absorvia. Com um movimento vivo e imprevisto, o filete desviou-se para o lado e desapareceu. Era uma cobra-de-vidro. Nika estremeceu.

Era um menino estranho. Quando estava exaltado, conversava consigo mesmo em voz alta. Puxara à mãe na tendência a assuntos elevados e a paradoxos.

“Como é bom estar no mundo!”, pensou. “Mas por que dói tanto? Deus existe, é claro. Mas se ele existe, eu sou ele. Então vou comandar”, pensou e olhou para um álamo que tremia de cima a baixo (suas folhas molhadas e cintilantes pareciam metal recortado). “Eu ordeno...”, e numa concentração desmedida de suas forças, desejou em silêncio com toda a alma, corpo e sangue, “... ordeno que pare!”, e a árvore imediatamente obedeceu e se imobilizou. Nika deu pulos de alegria e correu para se banhar no rio.

Seu pai, o terrorista Dementi Dúdorov, após ter sido condenado ao enforcamento, teve a pena comutada para trabalhos forçados, por indulto imperial. Sua mãe, Nina Galaktiónovna, uma princesa georgiana da linhagem dos Éristov, era moça mimada, ainda jovem e bonita, sempre apaixonada por algo: pelas revoltas, pelos revoltados, pelas teorias extremistas, pelos artistas famosos, pelos fracassados.

Ela adorava Nika e de seu nome Innokenti criou um monte de apelidos carinhosos, inconcebíveis e bobos, como Inótchek e Nótchenka, e o levou a Tíflis para apresentá-lo aos parentes. O que mais impressionou Nika naquela cidade foi uma árvore com patas no pátio da casa em que se instalaram. Era uma espécie de gigante canhestro dos trópicos. Com suas folhas semelhantes a orelhas de elefante, ele protegia o pátio do céu tórrido do sul. Nika não conseguia se acostumar à ideia de que essa árvore era uma planta e não um animal.

Era perigoso para o menino carregar o terrível nome do pai, por isso, Ivan Ivánovitch, com o assentimento de Nina Galaktiónovna, dirigiu uma súplica a Sua Majestade para que fosse permitido à criança usar o sobrenome da mãe.

No momento em que ele estava debaixo da cama reclamando da vida, entre outras coisas pensava sobre isso. Quem era esse Voskobóinikov para se intrometer dessa maneira? Vou ensinar a eles!

E essa Nádia! Só porque tem quinze anos, acha que tem o direito de le-

vantar o nariz e falar com ele como se fosse uma criança? Ele vai mostrar a ela! “Eu a odeio”, disse algumas vezes para si mesmo. “Eu vou matá-la! Vou chamá-la para passear de barco e afogá-la.”

E mamãe, também! Ela os enganou, a ele e a Voskobóinikov, quando partiu. Ela não foi para o Cáucaso, simplesmente desviou-se na primeira conexão ferroviária para o norte e está calmamente em Petersburgo junto com os estudantes atirando na polícia. E ele tem que apodrecer vivo nesse buraco estúpido? Ele vai enganar a todos. Afogará Nádía, deixará a escola e fugirá para a Sibéria, para junto do pai, a fim de organizar o levante.

O lago estava repleto de nenúfares. O barco cortou essa massa vegetal com um barulho seco. A água surgia no meio da folhagem aquática como o suco no triângulo talhado da melancia.

O menino e a menina se puseram a arrancar as flores. Os dois apanharam o mesmo caule resistente e elástico, e a planta os puxou ao mesmo tempo. Suas cabeças se chocaram. O barco foi impulsionado para a margem. Os caules se enroscavam e encurtavam; as flores brancas de miolo amarelo como gema de ovo afundavam e emergiam vertendo água.

Nádía e Nika continuavam a arrancar flores, inclinando mais e mais o barco, quase deitados um ao lado do outro na borda abaixada.

— Estou cheio de estudar — disse Nika. — Está na hora de começar a viver, ganhar a vida, virar gente.

— Eu queria tanto lhe pedir para me explicar as equações de segundo grau. Sou tão fraca em álgebra que quase fiquei de recuperação.

Nika percebeu nessas palavras alguma alfinetada. Certamente ela o estava colocando em seu devido lugar, lembrando que ele ainda era criança. Equações de segundo grau! E ele ainda nem sentira o cheiro da álgebra.

Sem deixar transparecer sua irritação, perguntou com indiferença fingida, ao mesmo tempo que percebia como era tolo:

— Quando você crescer, vai se casar com quem?

— Oh, isso ainda está tão longe. Provavelmente com ninguém. Não pensei nisso ainda.

— Não pense que isso me interessa.

— Então por que está perguntando?

— Você é boba.

Começaram a discutir. Nika lembrou-se da sua misoginia da manhã e ameaçou afogar Nádía, caso ela não parasse de dizer insolências.

— Tente — disse Nádia.

Ele a agarrou pela cintura e começaram a lutar. Perderam o equilíbrio e caíram na água.

Os dois sabiam nadar, mas as plantas os prendiam pelas mãos e pelos pés, e eles ainda não tinham conseguido tocar o fundo. Por fim, atolando no limo, chegaram à margem. A água escorria como córrego dos seus sapatos e bolsos. Nika era o mais cansado.

Caso isso tivesse acontecido pouco tempo antes, talvez na última primavera, os dois, sentados ali, encharcados, depois de uma travessura dessas, estariam certamente fazendo algazarra, discutindo ou dando gargalhadas.

Mas agora estavam calados e mal respiravam, sufocados pela situação insólita que tinham vivido. Nádia fervia e se indignava em silêncio. Nika estava com o corpo todo dolorido, parecia ter apanhado nos pés e nas mãos e quebrado as costelas.

Finalmente, como uma adulta, Nádia proferiu baixinho:

— Maluco!

E ele, da mesma forma adulta, disse:

— Desculpe.

Começaram a subir para casa como dois barris de água, deixando um rastro molhado. O caminho seguia por uma trilha poeirenta infestada de cobras, perto do local em que pela manhã Nika vira a cobra-de-vidro.

Nika se lembrou da exaltação mágica daquela noite, do amanhecer e dos seus poderes matinais, quando a seu bel-prazer comandou a natureza. O que lhe ordenar agora? Pensou. O que mais desejava? Ele percebeu que o seu maior desejo era o de cair de novo no lago com Nádia. E daria tudo para saber se isso iria ou não acontecer algum dia.